

# Consumo de bebidas alcoólicas em alunos de escolas públicas de Porto Alegre

GUSTAVO SILVEIRA DE CASTRO E ODERICH\*  
 FLÁVIO PECHANSKY\*\*  
 FERNANDO FRANCIOSI TATSCH\*  
 LEANDRO TOTTI CAVAZZOLA\*  
 RAFAEL DA LUZ BOENO\*  
 FERNANDA MENEGAZ\*

## SINOPSE

São investigados os hábitos alcoólicos segundo o sexo, idade, religião, desempenho escolar, estrutura familiar e trabalho, de um grupo de adolescentes com idade variando entre 10 e 18 anos, selecionados aleatoriamente em escolas públicas de Porto Alegre, com o objetivo de relacionar o padrão de consumo com o grau de escolaridade dos pais, assumindo este dado como um indicador do nível sócio-econômico. Padronizaram-se os níveis de ingestão em gramas de álcool por mês, agrupando-se os adolescentes em não-bebedores (NB), bebedores experimentais (BE), bebedores regulares moderados (BRM) e bebedores regulares excessivos (BRE). A amostra constituiu-se de 571 adolescentes. A prevalência do consumo de álcool em nosso estudo foi de 78,9%, sendo ligeiramente maior nas mulheres (80,1%) do que nos homens (77,3%), porém com maior número de BRE entre os homens (7,7%) do que entre as mulheres (2,2%). Observamos que a ingestão aumenta com a idade em todos os grupos de consumo. Não foi encontrada relação significativa entre o padrão de consumo e o nível de escolaridade dos pais. A alta prevalência de consumo de álcool em nosso meio e o fato de que 5% dos estudantes apresentam um consumo excessivo permitem concluir que a ingestão de álcool nesta faixa etária representa não apenas um problema epidemiológico, mas também clínico, justificando a necessidade imediata de medidas preventivas.

**UNITERMOS:** Consumo de álcool, Adolescentes, Escolaridade.

## ABSTRACT

*The relationship between ingestion patterns and age, sex, religion, school performance, family structure and being or not*

\* Doutorandos da ATM 95/2 Faculdade de Medicina da UFRGS.

\*\* Psiquiatra, Professor Assistente do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFRGS. Mestre em Medicina: Clínica Médica pela UFRGS.

Trabalho realizado em conjunto com o Serviço de Psiquiatria e o Departamento de Assessoria Científica da Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

**Gustavo Oderich**

Rua Pão de Açúcar, 163 – CEP 91920-700

Vila Conceição, Porto Alegre, RS

*employed is investigated in a sample of 571 adolescents aged 10 to 18 years, randomly selected in Porto Alegre's Public Schools. The main objective of the study is to relate alcohol consumption with parents educational level, which has been taken as an indicator of socioeconomic level. Alcohol consumption has been standardized in grams per month, allowing to divide the adolescents in four groups: non drinkers (ND), experimental drinkers (ED), moderate regular drinkers (MRD) and heavy regular drinkers (HRD). Prevalence of alcohol consumption was 78,9%, slightly higher in women (80,1%) than in men (77,3%), but heavy drinkers were more common among men (7,7% vs. 2,2%). The study indicates that ingestion increases with age in all groups, and that relationship between ingestion and parents educational level is not statistically significant. The higher prevalence of alcohol ingestion and the fact that 5% of the students are heavy drinkers bring into attention not only epidemiological problem, but also a clinical hazard, justifying immediate preventive measures*

**KEYWORDS:** Alcohol consumption, Adolescents, Schooling.

## INTRODUÇÃO

O consumo de bebidas alcoólicas é comum entre os adolescentes brasileiros. A prevalência do consumo de álcool nos jovens de 10 a 18 anos encontrada em Levantamentos Nacionais realizados por Carlini e colaboradores (1987 e 1989) variou entre 72,2% e 86,6% (1-5). Um estudo transversal conduzido por Pechansky confirmou a frequência elevada (71%) deste hábito nos adolescentes residentes na Cidade de Porto Alegre (6). Na maioria das vezes, a experimentação de bebidas alcoólicas faz parte do processo de socialização que introduz o jovem em novos grupos sociais e situações sócio-culturais específicas. Entretanto, o consumo de álcool, inicialmente "social", pode tornar-se abusivo e converter-se em alcoolismo, o que representa a possibilidade de sérios problemas adaptativos e patologias associadas (7-9). Aliado a este fato, o álcool tem sido vinculado ao uso de outras drogas psicoativas e a problemas diversos, tais como acidentes de trânsito, vários tipos de violência, comportamento anti-social, suicídios e mau desempenho escolar ou no trabalho (10-13).

Estudos nacionais recentes evidenciaram diferenças no padrão de consumo do adolescente brasileiro em relação ao norte-americano (1-2,6). Os jovens brasileiros pa-

recem beber de forma mais regular e excessiva, principalmente na faixa etária de 10 a 14 anos (1-2, 6). Além disso, tem havido um crescimento no consumo de álcool em todas as faixas etárias, sendo que as idades mais precoces têm apresentado, proporcionalmente, maiores porcentagens de aumento (12). Tal achado é bastante preocupante, na medida em que pode estar indicando uma tendência ascendente na ingestão de álcool nos próximos anos. Segundo Eysenck e Eysenck (1968), citados por Pechansky, "a idade de início [do consumo de bebidas alcoólicas] é uma variável importante, pois ela auxilia na distinção entre transtornos primários e secundários" no desenvolvimento da dependência química (14). Da mesma forma, Blackburn e Zeiner (1980) acrescentam que "o início precoce do alcoolismo está associado a uma evolução clínica mais severa, um maior risco de propensão a abuso primário de álcool e personalidade anti-social" justificando a investigação adequada e rigorosa das situações iniciais de consumo de bebidas alcoólicas (15).

Inúmeros fatores têm sido implicados na determinação dos padrões de consumo de bebidas alcoólicas (1-4,6,10-12,16). Estudos avaliando a importância de tais fatores relacionaram como mais relevantes o consumo de álcool na família, fatores demográficos, psicossociais e econômicos (1-4,6,10,12,17-19). O contexto familiar tem sido relacionado ao hábito alcoólico, pois parece existir uma associação entre a existência de bebedores pesados no núcleo familiar e o consumo excessivo de álcool pelo adolescente (1-4). Soma-se a isto o fato de ser a casa da família o contexto mais apontado para a ingestão inicial de álcool (1-4). A prevalência de alcoolismo é 4 vezes maior em filhos de pais alcoolistas do que no resto da população e alguns estudos demonstraram uma maior concordância de alcoolismo entre gêmeos dizigóticos, ressaltando a importância da carga genética, além dos fatores ambientais (7,11,20). Os homens consomem mais álcool (74%) do que as mulheres (68%) e a prevalência do consumo parece aumentar com a idade em ambos os sexos (1,7,19,21-24). As variáveis psicossociais compreendem um grupo bastante heterogêneo. Neste, não somente a conduta dos pais e adultos frente à ingestão de álcool, mas também a influência dos amigos, o contexto social, o nível de instrução e valores como a religião e as expectativas do adolescente quanto ao futuro, parecem influenciar o hábito de ingerir álcool (1,7,12,17-19). Alguns autores propõem que o nível de escolaridade dos pais poderia estar relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas pelos filhos, e uma explicação para isto seria a de que pais com baixo nível de escolaridade – e que portanto desconheceriam os malefícios causados pelo álcool – deixam de adotar uma conduta desaprovadora, o que estimula um maior consumo no ambiente familiar (1,4,6,7,24). Um estudo de base populacional demonstrou que a ingestão de álcool entre os adolescentes é inversamente proporcional ao grau de escolaridade dos pais, o que apoiaria esta hipótese (24). Por outro lado, pelo menos dois outros estudos com deli-

neamento semelhante evidenciaram que o consumo de álcool pelos adolescentes é maior nas camadas mais privilegiadas da população, onde o grau de instrução dos pais é maior (17,22). A relação direta entre a escolaridade dos pais e a renda familiar foi confirmada no estudo de Pechansky (6). Nesta casuística a "experimentação" de bebidas alcoólicas foi significativamente mais frequente entre os adolescentes com maior renda familiar (6). Todos os fatores psicossociais começam a atuar em idades precoces e as suas características parecem variar consideravelmente em níveis sócio-econômicos distintos (6,17,22,24). Por essa razão é necessário conhecer, além da prevalência da ingestão de álcool, a sua relação com as diversas variáveis e níveis sócio-econômicos.

O objetivo principal deste estudo é avaliar a prevalência de consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes das escolas públicas, comparando os hábitos alcoólicos dos filhos de pais com alta ou baixa escolaridade, assumindo este como um indicador de nível sócio-econômico. Como objetivos secundários, estudam-se também a idade, cor, desempenho escolar, nível de crença religiosa e o fato de exercer ou não atividade remunerada fora de casa, procurando comparar os padrões de consumo segundo estas.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Amostra:

O cálculo do tamanho da amostra foi baseado na menor prevalência encontrada nos Levantamentos Nacionais realizados por Carlini e colaboradores (72,2%) (3,4). O poder do estudo (beta-1) foi fixado em 90% e o alfa em 5% (bicaudal). Com estes dados estimou-se a necessidade de estudar cerca de 490 pessoas na faixa etária de 10 a 18 anos. A população-alvo do estudo foram adolescentes com idade de 10 a 18 anos, conforme orientação da Organização Mundial de Saúde para estudos desta natureza (6). Foram sorteados 600 estudantes da rede pública estadual de ensino primário e secundário do município. A coleta dos dados ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 1992.

O sorteio da amostra se realizou em três etapas:

1. Foi obtida uma lista atualizada contendo todas as escolas e seus respectivos alunos enumerados. Procedeu-se, então, a um sorteio de 10 listas, cada uma contendo 12 números de alunos. Desta forma, as escolas com maior número de alunos tinham, proporcionalmente, maior chance de serem sorteadas;

2. A partir das 10 listas de alunos, foi selecionada aleatoriamente uma das listas. Nesta, foram identificados os colégios de onde procediam os alunos sorteados;

3. Ao se chegar à escola, foram agrupadas todas as turmas de 5ª série do 1º grau a 3ª série do 2º grau, sendo sorteadas duas turmas para aplicação do instrumento de pesquisa.

### Instrumento<sup>1</sup>:

Foi utilizado um questionário adaptado do instrumento empregado pela equipe de Carlini e colaboradores (1-4), tendo sido devidamente validado em teste piloto realizado em 100 alunos de uma escola pública. O questionário era anônimo e voluntário, aferia variáveis demográficas (sexo, idade e cor), psicossociais (religião, grau de crença religiosa, atividade remunerada fora de casa, número de repetências e coesão familiar), grau de escolaridade dos pais e padrão de consumo. Utilizou-se um discurso padrão, informações adicionais foram vetadas aos participantes do estudo e certificou-se de que todas as pessoas eventualmente ligadas à escola estivessem ausentes.

### Estratificação do nível de escolarização dos pais:

A escolaridade dos pais foi dividida em três grupos, atribuindo-se grau 1 para aqueles cuja performance escolar não ultrapassasse o 1º grau completo, grau 2 para aqueles cuja vida escolar tenha atingido, na melhor das hipóteses, o 2º grau completo e grau 3 para todos os demais, ou seja, aqueles que houvessem pelo menos iniciado um curso superior. Sabendo-se que tanto a escolaridade do pai quanto a da mãe devem ser consideradas se o objetivo for refletir o nível sócio-econômico da família, criaram-se três níveis familiares de escolarização. O nível I (escolarização baixa) corresponde àquelas famílias onde ambos os pais não tinham o primeiro grau completo (grau 1). No nível III (escolaridade alta), o outro extremo, ambos os pais tinham ingressado em curso superior, ou seja, escolarização grau 3. O grau II (escolarização intermediária) corresponde a todas as outras combinações possíveis.

### Estratificação do padrão de consumo de bebidas alcoólicas:

Com o objetivo de uniformizar as informações referentes ao consumo de álcool, as medidas utilizadas no questionário foram padronizadas. Para aferir ingestão de cerveja, o padrão era uma garrafa comum, de 600 ml, que é a embalagem usualmente encontrada no comércio. Para medir-se a ingestão de uísque, utilizou-se como medida um dosador-padrão, com 50 ml. Para a ingestão de vinho, cachaça e outras bebidas foi utilizado um copo de 200 ml comumente encontrado em todas as residências. Todas as medidas padronizadas foram devidamente mostradas aos alunos durante a apresentação do instrumento.

A classificação da quantidade de álcool ingerido baseou-se na estratificação elaborada por Duncan (25) e obedeceu aos seguintes critérios: cada 600 ml de cerveja (uma

garrafa), 200 ml de vinho ou champanhe (um copo) e 50 ml de uísque equivalem a 2 doses ou 20 g de álcool. Aos wine coolers (Keepcooler, Petercooler, Jetcooler), cujo teor alcoólico é consideravelmente menor, são atribuídas 7g de álcool para cada 200 ml (copo). Considerou-se a cachaça pura e seus similares (caipirinha, vodka, caipira com vodka, etc.) como destilados e, assim, um copo de 200 ml correspondeu a 8 doses ou 80 g de álcool.

Os estudantes foram divididos segundo escala adaptada do estudo de Carlini e colaboradores, que leva em consideração a "quantidade" e a "frequência" com que o álcool é ingerido, em: não-bebedores (NB = zero g/mês), bebedores experimentais (BE de zero a 207 g/mês), bebedores regulares moderados (BRM de 208 a 837g/mês) e bebedores regulares excessivos (BRC > 837g/mês) (1-4).

### Análise estatística:

A análise dos dados foi realizada utilizando-se a estatística descritiva das frequências simples de cada variável estudada, bem como suas porcentagens. Quando necessário, os dados foram agrupados em faixas ou categorias para facilitar a análise. O teste estatístico utilizado foi o teste t de student para comparação das médias entre os grupos e o teste Chi-Quadrado com um alfa de 5% para a associação das variáveis investigadas. O grupo de pesquisadores recebeu apoio e orientação na análise dos dados obtidos.

## RESULTADOS

Foram aplicados, no total, 600 questionários. Devido a incorreções no preenchimento do mesmo foram anulados 29, obtendo-se uma amostra final de 571 questionários utilizáveis. Deste total de alunos, 258 (45,1%) eram do sexo masculino, com idade variando na sua grande maioria (94,1%) entre 12 e 17 anos. A prevalência geral de consumo na nossa amostra foi de 78,9%, mais elevada no sexo feminino (80,1% vs. 77,3%; p > 0,05). Do total de estudantes, 21% eram não-bebedores, 61,6% bebedores experimentais, 12,6% bebedores regulares moderados e 4,7% bebedores regulares excessivos (Tabela 1).

TABELA 1 – Estratificação dos estudantes segundo o padrão de consumo de bebidas alcoólicas

Padrão de consumo	Masculino (%)	Feminino (%)	Total (%)
NB	22,4	19,8	21,0
BE	56,6	65,8	61,6
BRM	13,1	12,1	12,6
BRE	7,7*	2,2*	4,7

NB: não bebedores; BE: bebedores experimentais; BRM: bebedores regulares moderados; BRE: bebedores regulares excessivos. \* p alfa < 0,05.

TABELA 2 – Características das variáveis aferidas na amostra segundo a escolarização dos pais

Variável aferida	Escolaridade Baixa (Nível I) n = 189 (36%)	Escolaridade Intermediária (Nível II) n = 260 (49,7%)	Escolaridade Alta (Nível III) n = 74 (14,3%)	Total de estudantes n = 523 (100%)
Sexo Masculino	43,0	47,2	50,0	45,1
Idade				
10-12 anos	17,5	10,0	11,0	13,0
12-14 anos	38,5	46,5	42,0	43,0
14-16 anos	32,0	30,0	40,0	32,0
16-18 anos	12,0	13,5	7,0	12,0
Cor				
Branco	62,0*	73,0	84,0*	70,0
Não-branco	38,0	27,0	16,0	30,0
Desempenho Escolar				
Nunca repetiu	38,5	43,5	44,0	42,0
Repetiu	61,5	56,5	56,0	58,0
Trabalho				
Sim	9,0*	6,0	5,0*	7,0
Não	91,0	94,0	95,0	93,0
Coesão Familiar				
Pais juntos	72,0	73,5	71,5	72,5
Pais separados	28,0	26,5	28,5	27,5

Os resultados estão em %. \* p alfa < 0,05. Não há diferença estatisticamente significativa entre as demais variáveis aferidas nos 3 grupos (p > 0,05).

Na análise segundo o nível de escolaridade dos pais foram considerados 523 estudantes (91,59%) que tinham ambos os pais vivos e moravam efetivamente com estes, ou com um destes no caso de pais separados. Na estratificação, 89 estudantes (36%) tinham ambos os pais com *escolarização baixa* (nível I), 260 (49,7%) com *escolarização intermediária* (nível II) e 74 (14,3%) com *escolarização alta* (nível III). As características da amostra segundo os diferentes níveis “familiares” de escolaridade podem ser observadas na Tabela 2. Entre os adolescentes filhos de pais com *escolarização baixa (nível I)* houve um maior número de indivíduos não brancos, “repetentes” e “trabalhadores”, quando comparados aos filhos de pais com escolaridade nível III, diferenças que não foram estatisticamente significativas (p > 0,05). Da mesma forma, comparando os adolescentes destes dois grupos, foram encontradas algumas diferenças quanto à distribuição etária, observando-se no grupo de filhos de pais com *escolarização baixa* uma maior porcentagem de estudantes nas faixas etárias de 10 a 12 anos (17,5% vs. 11%) e de 16 a 18 anos (18% vs. 7%).

Não foi confirmada a associação entre a prevalência de consumo de álcool e o nível de escolaridade dos pais, mesmo comparando os dois extremos – *escolarização baixa e alta* (Tabela 3). Avaliando-se os diferentes padrões de consumo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os NB, BE e BRM (p > 0,05). Entretanto, houve uma maior prevalência de bebedores re-

gulares excessivos entre os filhos de pais com *escolaridade alta* quando comparados aos filhos de pais com *escolaridade baixa* (p < 0,05).

Comparando-se a prevalência de consumo com a idade, observamos que a ingesta aumenta linearmente em todas as faixas etárias. A maior parte dos NB está na faixa etária dos 10 aos 12 anos de idade quando comparada às outras duas faixas etárias (26,0% vs. 24,5% vs. 10%). O mesmo ocorreu para os bebedores experimentais (67,0% vs. 61% nos outros dois grupos etários). Estes resultados não foram estatisticamente significativos. A prevalência de BE foi de 61,4% em nossa amostra, sendo a categoria mais prevalente em todas as faixas etárias. Quanto ao consumo regular moderado, observamos que este praticamente do-

TABELA 3 – Comparação dos padrões de consumo segundo o grau de escolarização dos pais

Padrão de Consumo	Escolaridade Baixa	Escolaridade Intermediária	Escolaridade Alta
NB	18,0	23,0	17,0
BE	66,0	57,0	60,0
BRM	11,0	14,0	12,0
BRE	5,0*	6,0*	11,0*

NB: não bebedores; BE: bebedores experimentais; BRM: bebedores regulares moderados; BRE: bebedores regulares excessivos. \* p alfa < 0,05.

bra a cada faixa etária, sendo de 5,7% entre os 10 e 12 anos, 10,8% entre os 12 e 16 anos e 20,8% entre os 16 e 18 anos. No grupo de BRE, a porcentagem nestas três faixas etárias foi de 1,3%, 4,7% e 8,5%, respectivamente. A comparação das faixas etárias extremas mostrou diferenças estatisticamente significativas (p < 0,05).

Na Tabela 4 é observada a relação das diversas variáveis aferidas com os diferentes padrões de consumo previamente estabelecidos. Em nossa amostra, as meninas beberam de forma mais comedida, apresentando uma maior proporção de bebedoras experimentais (65,8% vs. 56,5%). Os meninos, por outro lado, beberam mais regularmente (20,8% vs. 14,3% para BRM) e mais excessivamente (7,7% vs. 2,2% para BRE), resultados estes que foram estatisticamente significativos (p alfa < 0,05). Estes resultados são apresentados na Tabela 4.

TABELA 4 – Comparação dos padrões de consumo com as outras variáveis aferidas

Variável aferida	NB	BE	BRM	BRE
Idade				
10-12 anos	26,0	67,0	5,7*	1,3*
13-15 anos	24,5	61,0	10,8	4,7
16-18 anos	10,0	61,0	21,0*	8,5*
Religião				
Importante	22,2	62,8	10,7	4,3
Não-importante	18,0	60,0	16,0	6,0
Desempenho Escolar				
Nunca repetiu	25,7	64,2	7,7	2,4*
Repetiu	17,8	60,0	16,0	6,2*
Trabalho				
Sim	4,8	73,0	19,5	2,7
Não	22,0	60,5	12,3	5,2
Coesão Familiar				
Pais juntos	14,8	65,5	14,0	5,7
Pais separados	23,0	60,0	12,1	4,9

NB: não bebedores; BE: bebedores experimentais; BRM: bebedores regulares moderados; BRE: bebedores regulares excessivos. \* p alfa < 0,05.

Foi encontrada uma maior proporção de BRE entre o grupo de estudantes “não-trabalhadores” (5,2% vs. 2,7%), embora estes resultados não tenham sido estatisticamente significativos (p > 0,05). Entretanto, houve um número menor de não-bebedores entre os estudantes que exerciam atividade remunerada (4,8% vs. 22,0%; p > 0,05). Analisando-se o desempenho escolar dos estudantes, encontramos uma relação direta com o padrão de consumo. Entre os alunos que nunca repetiram o ano escolar existe uma maior proporção de NB (25,7% vs. 17,8%) e uma menor proporção de BRM (7,7% vs. 16,0%) e BRE (2,4% vs. 6,2%), quando comparados aos que repetiram pelo menos duas vezes. Comparando os bebedores ex-

cessivos com os não-bebedores encontramos um número significativamente maior de “repetentes” no grupo bebedor excessivo (p < 0,05). Agrupando os bebedores regulares (excessivos e moderados) também houve um número significativamente maior de estudantes com mau desempenho escolar (p < 0,05).

A análise da relação “tipo de religião” e hábito alcoólico não foi possível devido ao pequeno tamanho de nossa amostra. Por este motivo foi analisado o grau de crença religiosa (consideram a religião muito importante ou importante vs. não importante ou não têm religião) que não mostrou resultados significativos na comparação com os hábitos alcoólicos (p > 0,05). Entretanto cabe ressaltar que houve uma tendência dos “não-religiosos” beberem mais regularmente. Não houve diferença significativa na comparação dos padrões de consumo dos filhos de pais que viviam separados ou juntos (variável “coesão familiar”) (p > 0,05).

## DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho revelam que o consumo de álcool é um hábito bastante difundido na população estudantil pesquisada, com uma prevalência de 78,9%. A grande maioria dos que já tomaram álcool em nossa amostra constitui-se de bebedores experimentais (61,6%), ficando o hábito de beber regularmente com uma parcela menor de estudantes (17,3%). Estes achados são, por si só, dignos de atenção quando se pensa em alguma medida preventiva, mas chegam a se tornar preocupantes quando constatamos que cerca de 5% destes estudantes apresentam não só um consumo regular, como também um consumo excessivo (grande quantidade e alta frequência) de álcool.

Em nosso estudo não houve diferença significativa entre a prevalência de consumo de álcool dos filhos de pais com alta ou baixa escolaridade. Entretanto, como em outros estudos que avaliaram a ingesta de álcool nesta faixa etária, houve um número significativamente maior de bebedores regulares excessivos entre os filhos de pais com *escolarização alta* (ambos com nível superior) (6,17,22). Um estudo mexicano de base populacional demonstrou que o consumo médio de álcool é maior entre a camada média-alta da população (22). Como citado anteriormente, o trabalho de Pechansky mostrou uma relação direta entre a escolaridade dos pais e a renda familiar (6). Dos 213 adolescentes com renda familiar superior a 7,0 salários-mínimos presentes em seu estudo, 37,6% relataram ter “experimentado” bebida alcoólica, número significativamente maior (p < 0,001) do que os 27,9% encontrados nos 158 com renda inferior a 2,5 salários-mínimos (6). Desta forma, o autor conclui que “a frequência de experimentação e, conseqüentemente, o posterior uso de bebidas alcoólicas, está diretamente ligada à possibilidade de poder ter acesso às bebidas, uma vez que estes aumentam com a

renda familiar". Nossa proposta inicial foi utilizar o grau de educação dos pais como um indicador do nível sócio-econômico, dada a dificuldade de aferir esta variável (6). Devemos salientar, no entanto, que os alunos das escolas públicas brasileiras pertencem a uma camada social relativamente homogênea, onde a escolarização dos pais deixaria de representar a um bom indicador sócio-econômico, ao contrário dos adolescentes do estudo de Pechansky, que foram selecionados tomando-se por base a população da Cidade (1,6). É sabido que as crianças que freqüentam o ambiente escolar não representam a faixa mais desfavorecida da população (26). No Brasil, um grande número de crianças nunca chega a freqüentar a escola e, entre aquelas que freqüentam, somente uma pequena proporção chega ao último ano do primeiro grau (26). Assim, de cada 100 crianças que se matriculam na primeira série no país, somente treze concluem a oitava série (26). Várias pesquisas já revelaram que esta evasão escolar não ocorre aleatoriamente (27-29). Sua lógica é sobretudo econômica, já que as crianças das camadas sociais mais privilegiadas têm sua permanência na escola praticamente garantida, não só por fatores extra-escolares (melhor alimentação, condições de estudo, etc.), como também intra-escolares (a escola valoriza conteúdos típicos das classes economicamente favorecidas, os professores provêm das classes médias e, por isso, sabem lidar melhor com estes alunos) (30,31). Desta forma, a amostra estudada constituiu-se basicamente por crianças com um nível sócio-econômico "médio-baixo", homogêneo, ou seja, crianças não tão "pobres" a ponto de nem terem condições de freqüentar as escolas públicas, mas também não tão ricas quanto as que freqüentam escolas particulares. Idealmente a aferição da associação do padrão de consumo de álcool com o nível sócio-econômico deve englobar os extremos da população, necessitando-se para isto um estudo de base populacional que avalie diversos indicadores sócio-econômicos (condições de moradia, salário, etc.), nos moldes do estudo de Pechansky.

Os dados obtidos em nosso trabalho, quando comparados com levantamentos nacionais, não diferem quanto a prevalência ou padrão de consumo. Entretanto, uma comparação pode ser feita com os dados de Bloom e Greenwalt, acerca do hábito alcoólico em estudantes norte-americanos entre 10 e 13 anos, na medida em que a metodologia empregada foi semelhante (32). Estes autores encontraram 62,5% de não-bebedores e 4% de bebedores regulares (a divisão entre moderados e excessivos não é feita neste estudo), enquanto que este estudo encontrou 21% de não-bebedores e 17,3% de bebedores regulares (32). Os resultados dos estudos nacionais assemelham-se aos deste estudo, sendo que Carlini e colaboradores encontraram 29,6% de não-bebedores e 15,8% de bebedores regulares (1). A pesquisa por domicílios realizada nos Estados Unidos pelo National Institute of Drug Abuse (NIDA) mostrou as seguintes freqüências de "experimentação" de álcool segundo 4 faixas etárias: 12 a 13 anos –

25,9%; 14 a 15 anos – 49%; 16 a 17 anos – 67,3% e 18 a 21 anos – 84,2% (33). No II Levantamento Nacional e no estudo de Pechansky as proporções foram maiores que as dos americanos, da ordem de 62,7% para 10-12 anos, 81,8% para 13 a 15 anos e 89,1% para 16 a 18 anos (4,6). No nosso estudo a prevalência de consumo nestas três faixas etárias foi de 74,0%, 75,5% e 90%, respectivamente. Estes achados mostram claramente um consumo maior de álcool na amostra brasileira. Infelizmente, a comparação com outros trabalhos da literatura internacional fica impossibilitada pela utilização de outros procedimentos metodológicos. As diferenças dos hábitos alcoólicos nas várias faixas etárias também precisam ser analisadas.

A prevalência de consumo foi elevada (74%) mesmo entre os estudantes de 10 a 12 anos de idade, embora a proporção de não-bebedores e de bebedores experimentais tenha sido mais alta nesta faixa etária. Dos 13 aos 15 anos houve um aumento "discreto" na prevalência de consumo (74,0% para 75,5%), a qual parece aumentar de forma mais significativa dos 15 aos 18 anos (75,5% para 90,0%). O consumo regular moderado e excessivo praticamente dobrou a cada faixa etária: 5,7%, 10,8% e 21,0% nos bebedores regulares moderados e 1,3%, 4,7% e 8,5% nos regulares excessivos. Este achado difere de outros estudos nacionais, onde a proporção de bebedores excessivos foi a mesma em todas as faixas etárias (1-4).

Como comentado anteriormente, a grande evasão escolar existente nas escolas públicas brasileiras faz com que nossa amostra se modifique a cada faixa etária e série escolar, na medida em que quanto mais se avança na idade e nos estudos, maior é a perda de parcelas importantes de crianças e adolescentes na sua representação (26-29). Alguns autores propõem que o fenômeno da evasão escolar não se daria homogênea nos estudantes com diferentes hábitos alcoólicos, provavelmente sendo maior na categoria de bebedores regulares excessivos (1). Se isto é verdadeiro, a proporção de bebedores regulares excessivos na faixa etária de 16 a 18 anos deveria ser ainda maior em nossa amostra (maior do que 8,8%). O uso intensivo de álcool poderia, assim, ser mais um dos inúmeros elementos associados ao abandono da escola por estudantes de baixa renda. Neste sentido, existem trabalhos em outros países que concluem que os estudantes que evadem a escola apresentam maiores níveis de uso de drogas do que aqueles que ficam (34). Além disso, um estudo realizado em 3 países por Smart e colaboradores demonstrou ser maior o consumo em não-estudantes do que na população estudantil da mesma idade (35). Assim, embora obviamente tenha-se de considerar a dificuldade de generalizar dados produzidos em outros países para o nosso, é possível que aqui ocorra fenômeno semelhante.

Nossos dados mostram que a prevalência de consumo de álcool não diferiu segundo o sexo, sendo discretamente maior entre as mulheres ( $p > 0,05$ ). Entretanto, existe uma menor proporção de bebedores experimentais (56,5% vs. 65,8%) e uma maior proporção de bebedores regulares

no sexo masculino (20,8% vs. 14,3%). Este achado é ainda mais alarmante quando analisamos a prevalência de bebedores regulares excessivos, três vezes maior no sexo masculino (7,7% vs. 2,2%). Isto indica que a oposição entre o padrão de consumo de álcool feminino e masculino tem origem bastante cedo, podendo determinar as diferenças encontradas na idade adulta. Pechansky encontrou um número significativamente maior de meninos que relataram ter experimentado bebida alcoólica, resultado coerente com a literatura existente em nosso meio, e inédito, uma vez que os Levantamentos Nacionais não haviam demonstrado tal diferença em estudantes (6). Apesar das mulheres apresentarem uma prevalência de consumo discretamente maior em nosso estudo, o que difere de outras amostras nacionais e da amostra populacional de Pechansky, elas bebem menores quantidades e em menor freqüência (bebedor experimental) (1-4,6).

Foi encontrada uma correlação entre a ingestão de álcool e o fato do adolescente exercer atividade remunerada fora de casa. No grupo de jovens "trabalhadores" foi menor a proporção de não-bebedores (4,8% vs. 22,0%;  $p > 0,05$ ), enquanto que nos "não-trabalhadores" foi maior a proporção de bebedores regulares excessivos (5,2% vs. 2,7%), resultados estatisticamente significativos ( $p < 0,05$ ). Não encontramos em revisão da literatura local e internacional dados que possibilitem uma comparação. Desta forma, embora a experimentação tenha sido maior nos estudantes que trabalham, estes bebem de forma mais comedida, e uma explicação para isto pode ser o fato de terem uma responsabilidade a mais consigo ou com a família, não podendo se dar ao luxo dos atrasos e faltas conseqüentes ao uso abusivo de álcool.

Em um estudo populacional com adolescentes norte-americanos, Zucker e Harford encontraram um número maior de não-bebedores entre os católicos (24). Smith e colaboradores sugerem que a menor taxa de consumo entre os católicos, em comparação com aqueles que não têm religião, deva-se aos preceitos morais dos dogmas da Igreja e ao grau de influência que estes exercem sobre o indivíduo (36). A comparação com estudos nacionais não é possível, pois estes não aferiram esta associação. Em nossa amostra, a proporção de bebedores regulares moderados e excessivos foi maior no grupo sem crença religiosa, mas os resultados não foram estatisticamente significativos.

Foi encontrada uma correlação entre o desempenho escolar, avaliado pelo número de repetências, e o consumo de álcool pelos estudantes. O número de bebedores regulares foi significativamente maior entre aqueles que repetiram uma ou mais vezes. No estudo de Carlini, uma parcela dos estudantes que beberam excessivamente afirmou ter faltado ou ter tido problemas na escola devido à ingestão de bebidas alcoólicas (1). No estudo de Pechansky não houve associação entre a experimentação de álcool e o desempenho escolar (6). Quando o autor comparou variáveis que indicassem consumo habitual,

como por exemplo o consumo no último mês ou o consumo freqüente no último mês, pôde-se notar que, apesar de uma tendência de aumento em relação a um pior desempenho escolar, os dados não foram estatisticamente significativos. Entretanto, os "problemas por uso de bebidas alcoólicas" e os "porres" foram significativamente mais freqüentes nos alunos repetentes. Isto poderia indicar que a freqüência de consumo em si não estaria relacionada a mau desempenho escolar, mas sim a resultante do consumo excessivo, como problemas ou porres, e isto parece fazer sentido. Acreditamos que este achado seja relevante, pois um maior consumo de álcool pode induzir um comportamento inadequado, levando a um desempenho escolar ruim, ou vice-versa. Possíveis ações preventivas dentro da instituição escolar devem considerar este dado.

Em nosso estudo, as análises não demonstraram qualquer relação significativa entre os pais serem ou não separados e o padrão de consumo de álcool. Este achado está de acordo com os de Pechansky, sendo que este autor ainda acrescenta que o fato dos filhos terem pais adotivos ou biológicos também não teve influência sobre problemas relativos ao consumo de álcool (6).

O presente estudo foi delineado para conhecer a realidade dos hábitos alcoólicos dos estudantes das escolas públicas, buscando relacioná-los com o grau de escolaridade dos pais e com outras variáveis de natureza demográfica e psicossocial. Os resultados obtidos não devem ser generalizados para a rede privada de ensino, ou para outros grupos populacionais, sem as devidas restrições que se impõem. No entanto, os resultados do nosso estudo estão em consonância com outras pesquisas realizadas no Brasil ou em outros países, atestando a consistência destes achados, fato reforçado pela utilização de instrumento e metodologia semelhantes. A prevalência elevada da ingestão de álcool e, principalmente, o número preocupante de bebedores regulares excessivos, tornam a problemática do consumo de álcool por adolescentes um dos principais alvos de preocupação de nossa sociedade e dos estudiosos desta área. A freqüência cada vez maior deste hábito presumivelmente tende a aumentar o número de complicações associadas (como mortes por acidentes de trânsito ou outras formas de violência, comportamento anti-social, baixo desempenho escolar e no trabalho) e, por fim, o alcoolismo. Desta forma, ressaltamos a importância de quantificarmos o padrão de consumo em nossa população e as conseqüências deste hábito, a fim de delinear um programa preventivo eficaz.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLINI BH, PIRES ML, FERNANDES R, et al. O Consumo de Bebidas Alcoólicas entre Estudantes de Primeiro Grau na Cidade de São Paulo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 1986; 35 (5): 279-285.
- CARLINI BH, PIRES ML, FERNANDES R, et al. Alcohol Use among Adolescents in São Paulo, Brazil. *Drug and Alcohol Dependence* 1986; 18:235-246.

3. CARLINI E. O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo graus da rede estadual – I Levantamento Nacional sobre o uso de Drogas Psicotrópicas em estudantes de I e II Grau – 1987. In: Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987. São Paulo, CEBRID. Escola Paulista de Medicina, 1987.
4. CARLINI E. O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo graus da rede estadual – II Levantamento Nacional sobre o uso de Drogas Psicotrópicas em estudantes de I e II Grau – 1989. In: Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1989. São Paulo, CEBRID. Escola Paulista de Medicina, 1989.
5. MASUR J, JORGE MR. Dados relativos a bebidas alcoólicas e alcoolismo no Brasil. Revista ABP-APAL 1986; 8(4): 157-165.
6. PECHANESKY F. O uso de bebidas alcoólicas em adolescentes residentes na cidade de Porto Alegre: características de consumo e problemas associados. Dissertação de Mestrado pelo Curso de Pós-graduação em Medicina: Clínica Médica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993. CELG. Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
7. KAPLAN HI, SADOCK BS. Psychoactive substance-Induced organic Mental disorders and Substance Use Disorders; Chapter 12. Alcoholism; Ch. 12.1. In: Synopsis of Psychiatry-Behavioral Sciences and Clinical Psychiatry. Eds. Kaplan HI, Sadock BS. Sixth Edition. Williams and Wilkins, Baltimore, 1991.
8. ROGERS PD. Alcohol Dependence (Alcoholism): Definition. Alcohol and Adolescence. Pediatrics Clinics of North America 1987; 34(2): 289-303.
9. URZUA RF, KAEMPFER AM. Alcoholism in Adolescence and Youth: The Chilean Experience. The Health of Adolescents and youths in the American DAHO Scientific Publication 1985;489: 174-186.
10. BARNES GM, WELTE JW. Patterns and Predictors of Alcohol Use Among 7-12th Grade Students in New York State. Journal of Studies on Alcohol 1988; 47(1): 1.
11. GRANT BF. Stability of Alcohol Consumption among Youth: A National Longitudinal Survey. Journal of Studies on Alcohol 1987; 4(3): 253-260.
12. O'MALLEY PM. Period, Age, and Cohort Effects on Substance Use Among Young Americans: A Decade of Change, 1976-86. American Journal of Public Health, 1988;78 (10): 1315-1321.
13. PECHANESKY F, SOIBELMAN M. O Uso de Substâncias Psicoativas por Alunos de uma Escola Privada de Porto Alegre. Revista AMRIGS 1992; 36(2): 114-119.
14. EYSENCK HJ, EYSENCK SBG. Eysenck Personality Inventory, EITS Manual. San Diego, Educational and Industrial Testing service, 1968.
15. BLACKBURN MR, ZEINER AR. Change in subjective behavioral assessment after ethanol ingestion. Alcohol Technical Reports 1980; 9: 8-12.
16. MACLAUGHLIN RJ, BAER PE, BARNES MA, et al. Psychosocial correlates of alcohol use at two age levels during adolescence. Journal of Studies on Alcohol 1985; 46: 212-218.
17. CAROMA AE, RODRIGUES G, ARDILLES J, et al. Factores Socioeconomicos e Ingestion de Alcohol en Estudiantes Secundarios. Revista Médica de Chile 1986; 114:474-482.
18. REEK J. Mechanisms of Influences on Smoking and Drinking Behavior among Secondary Schoolchildren. International Journal of Epidemiology 1990; 19 (3): 759.
19. WHITE HR, LABOUIE EW. Towards the Assessment of Adolescent Problem Drinking. Journal of Studies on Alcohol 1989; 50 (1): 30-37.
20. BRANCHEY-BUY DENS L, BRANCHEY MH, NOURMAIR D. Age of Alcoholism Onset. Archives of General Psychiatry 1989; 46: 225-30.
21. DUNCAN B. As Desigualdades Sociais da Distribuição de Risco para Doenças Não-Transmissíveis. Tese de Doutorado. Assessoria Científica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
22. SANCHEZ M, ZAVALA GG. Estudio epidemiológico sobre el uso de alcohol en población joven de 14 a 18 años. Salud Pública de Mexico 1986; 28:371-379.
23. WELTE JW, BARNES GM. Alcohol Use Among Adolescent Minority Groups. Journal of Studies on Alcohol 1987; 48 (94): 329-336.
24. ZUCKER RA, HARFORD TC. National Study of the Demography of Adolescent Drinking Practices in 1980. Journal of Studies on Alcohol 1983; 44 (6): 974-985.
25. DUNCAN BB. Acoolismo. In: Medicina Ambulatorial. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, pp 426-429, 1990.
26. FIBGE. Anuário Estatístico do Brasil, 1980.
27. GOUVEA AJ, HAVYGHURST RJ. Ensino Médio e Desenvolvimento. São Paulo, Melhoramentos/ EDUSP, 1969.
28. CASTRO CM, SANGHINETTI JA. Custos e determinantes da educação na América Latina: Resultados preliminares. Rio de Janeiro. Programa ECIEL, 1977.
29. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, assessoria técnica de planejamento e controle educacional. Relações entre origem social, condições da escola e rendimento escolar de crianças no ensino público estadual da grande São Paulo. IMESP, 1983.
30. MELLO GM. Fatores intra-escolares como mecanismos de seletividade de ensino de Primeiro Grau. Educação e Sociedade 1979; 2: 70-78.
31. BARRETO ESS. Professores de Periferia: soluções simples para problemas complexos. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas 1975; 14: 97-109.
32. BLOOM MD, GREWALD MA. Alcohol and Cigarette among early adolescents; Journal of Drug Education 1984; 14 (3): 195-205.
33. NATIONAL INSTITUTE OF DRUG ABUSE (NIDA). 1988. National household survey on drug abuse: main findings 1985. DHHS pub. Number (ADM)88-1586. Rockville, Md: NIDA, 1988.
34. AMIS HM, WATSON C. Drug Use and Alcohol Dropout: a longitudinal study. Can Councill 1975; 9: 155-62.
35. SMART RG. Drug Use among Non-students in Three Countries. Drug Alcohol Dependence 1981; 7: 125-132.
36. SMITH MB, CASTER WA, ROBIN A. A Path Analysis of an Adolescent Drinking Behavior Model Derived from Problem Behavior Theory. Journal of Studies on Alcohol 1989; 50 (2): 128-142.